

História da Filosofia

58 A Fenomenologia da Mente de Hegel

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Como você o está achando? O primeiro relato que recebi do Robert Fitch, aqui da região, foi que ele é péssimo. Afinal, depois de Kant, se alguém é péssimo, soa estranho. Eu imaginaria que, depois de Kant, tudo seria fácil.

Mas eu sugeri a Bob que a dificuldade não estava na tradução. Ele estava culpando a tradução. Acho que a dificuldade reside, na verdade, na forma de pensar.

Ah, vocabulário um tanto limitado, mas a gente se acostuma. Mas o modo de pensar... Veja bem, Kant ainda se dedicava ao que hoje conhecemos como pensamento linear, traçando uma linha de raciocínio, tentando identificar as pressuposições subjacentes ou as pressuposições transcendentais, aqueles conceitos ocultos.

E então, na dialética, ele simplesmente examina a lógica do argumento e encontra onde há não sequiturs. E você está acostumado com esse tipo de coisa. O que ele está usando é basicamente a lógica aristotélica envolvida em inferência linear, passo a passo.

E assim você pode seguir passo a passo. Mas Hegel não é assim, entende? Hegel é mais como mergulhar em uma piscina e tentar se orientar.

E digo isso porque é como uma piscina em que você perdeu a noção do perímetro. Você está tentando ter uma ideia do que está nesta direção e do que está naquela direção. Você está tentando se localizar.

Mas para isso, é preciso encontrar pontos de referência em diversas direções. É como se Hegel estivesse pousando bem no meio de algo e lançando sondagens em todas as direções, vetores, para tentar se localizar em relação a outras coisas no ambiente. Portanto, é uma experiência de leitura diferente.

Para colocar de forma mais formal, retomando o que estávamos dizendo da última vez, Kant se dedica ao pensamento dedutivo, rastreando a conexão lógica entre proposições. A sua é uma lógica de proposições.

E quanto à inferência lógica de uma proposição para outra? Hegel não está lidando com proposições. Ele está lidando com conceitos.

Ele está analisando conceitos. Desvendando conceitos. É um jogo completamente diferente.

Isso é misturar metáforas depois de estar na piscina. Mas é um modo de pensar diferente. Veja , aquele grande esquema do sistema dele, que eu lhe apresentei em forma de esboço com todos os um, dois, três, tese, antítese, síntese.

Veja bem, tudo começa com a concepção mais abstrata: o ser. Todo o resto busca explorar o conceito de ser. Torná-lo mais concreto.

Não. O que você quer dizer com "ser"? Veja bem, é como se Kant nos dissesse que a existência, o ser, não é um predicado.

Não é um conceito. Ao que Hegel responde: É o que você pensa. Eu vou lhe mostrar.

Nossa, ele precisa de um livro inteiro para nos mostrar isso. E ainda mais. Veja só.

O simples fato da existência. Não, isso talvez não seja o ser. É apenas algo dado, isso sim.

Essa mera facticidade. Fato sem significado. Existência sem essência.

Mas você não encontra isso em Hegel. Veja bem. Hegel, como mencionei da última vez, está muito mais ligado ao espírito grego nesse aspecto.

Entende? Porque o conceito de ser está carregado de todo tipo de implicações. Ele está tentando desvendá-las, analisá-las.

Como se aprofunda em um conceito? Bem, a maneira dele de aprofundá-lo é meio que divagar, perguntando a si mesmo, bem, nesse modo de reflexão livre, se eu disser ser, o que lhe vem à mente? Hein? Sim. Não-ser. Ser ou não ser, eis a questão, não é? Se é melhor , sabe.

Ser, não ser, é ou não é, bem, será que é assim mesmo? Porque se você pergunta se alguém é ou não é , em que sentido você quer dizer? Em que momento você quer dizer? E imediatamente você começa a perceber que ser e não ser, embora pareçam antíteses , mutuamente contraditórios, eles meio que se combinam quando você pensa em devir. Porque em tudo que está em processo de devir, é o que não era, e não é o que era, entende? É o que ainda não é exatamente, mas é quase isso, entende?

Não existe estática em um mundo de mudanças. E assim você percebe que o que não é, está prestes a ser. E o que é, está prestes a ser, não é.

Essa é a natureza do devir, que é a concepção concreta do ser. E então o que ele está fazendo é tentar tornar isso um pouco mais concreto. E aí você tem o esboço.

Ele explora outras dimensões do conceito de ser, não apenas afirmativo ou negativo, mas também quanto, quantidade, tudo, alguns, e assim por diante, mas depois da existência para a essência. Porque, embora superficialmente, em uma lógica estática, pareça que essência e existência se opõem, o simples fato de existir é distinto do que é.

Poderíamos dizer que a existência precede a essência. É isso que Sartre vai dizer. E Sartre está rompendo com Hegel.

Porque para Hegel, não há existência sem essência. Assim, enquanto os dois conceitos no abstrato se opõem como opostos, na realidade concreta eles se unem. Entende?

Assim, ele precisa direcionar sua lógica para o conceito real do ser. Observe que ele diz "o conceito". Sim, o ser é um conceito.

Não um fato vazio e sem sentido. Mas um conceito carregado de significado. Entende?

E assim ele trabalha. Então, esse é o modo de pensar dele, você vai entender, Bob. E se você mantiver isso em mente enquanto lê, você se aproximará muito mais do que ele está fazendo.

E veremos alguns exemplos disso ao longo do texto. Mas, por ora, deixe-me, se eu conseguir encontrar, ler um pequeno trecho de sua lógica. Da seção sobre essência.

E acho que você consegue perceber o que ele está fazendo aqui. Ele afirma que, na doutrina dos conceitos contraditórios, uma noção, digamos, azul, se opõe à outra noção, que não é azul. Essa outra noção não seria afirmativa, como amarelo, mas simplesmente mantida na negação abstrata, não azul.

O negativo, em sua própria natureza, é algo bastante positivo. Mas a oposição insensata, insensata é a palavra dele, a oposição insensata entre o que se chama de noções contraditórias se manifesta plenamente na fórmula grandiosa de uma lei geral. Tudo aquilo que possui um e não o outro de todos os predicados que estão em tal oposição.

Dessa forma, tudo é azul ou não é azul. Você é azul ou não é azul. Branco ou não é branco.

Amarelo ou não branco. Informativo, não é? Sabe, é vazio, é insípido. Não te diz nada.

Esquece-se que identidade e oposição são opostas entre si e que existe o princípio da contradição. Mas, em contraste com essa doutrina dos contraditórios, ele fala da concepção de polaridade. De modo que, por assim dizer, o ser e o não-ser estão nos dois polos de um continuum.

Entende? E, por implicação, esta é uma definição muito mais correta de oposição em a polaridade. E, portanto, ele fala de toda uma variedade de polaridades, não apenas ser e não ser, mas finito e infinito, ideal e real, um e muitos, universal e particular, aparência e realidade, razão e realidade.

Veja bem, na lógica estática, essas duas coisas representam antíteses. Mas, na realidade, tudo participa de ambas as polaridades. Bem, vemos isso em Hegel.

Logo após um intervalo, leremos Whitehead. E gostaria de chamar a atenção de vocês para isso novamente, pois no prefácio de sua principal obra, *Processo e Realidade*, ele afirma ter sido muito influenciado por F. H. Bradley, o hegeliano britânico, ao rejeitar todas essas polaridades. Portanto, tenham em mente que o Whitehead que vocês lerão, assim como Hegel, rejeita essas polaridades e trabalha com algo semelhante à dialética.

E a grande diferença é que ele não é um idealista metafísico. Whitehead não é. Whitehead está transferindo o esquema hegeliano para uma base mais naturalista.

Veja bem, trata-se de uma abordagem mais naturalista em termos de processos naturais de evolução e desenvolvimento. O mesmo pode ser dito de John Dewey, que leremos na semana seguinte à de Whitehead. Ambos partiram de suas raízes filosóficas na tradição hegeliana e depois migraram para uma espécie de metafísica naturalista.

Portanto, tenha isso em mente. É extremamente importante. Se você se lembra do programa do curso, vai se lembrar que tudo agora está dentro do existencialismo; eu chamei os séculos XIX e XX de herdeiros de Hegel.

Isso se aplica a Whitehead e à teologia do processo. Aplica-se a John Dewey e ao pragmatismo americano. Aplica-se à fenomenologia europeia e ao existencialismo.

É verdade no caso do marxismo. E é essa dialética que é o ponto crucial. Agora, lembre-se do que significa a palavra dialética.

Literalmente, *dialego*, significa refletir sobre algo. Veja bem, não se trata de seguir uma linha de raciocínio, mas sim de pensar sobre algo profundamente. Análise.

Então, o que a dialética faz, esse modo de pensar, é refletir sobre o conceito de ser e, em seguida, sobre os conceitos subsidiários que emergem no processo como

aspectos do ser. Certo. Isso ajuda um pouco? Espero que dê algum contexto para o que você está fazendo.

Muito bem. Deixe-me mencionar outro livro que é útil. Talvez eu já tenha me referido a ele ao longo do texto.

Mas é um livro de uma de nossas ex-alunas, Meryl Westfall. E, na minha opinião, é uma das obras mais acessíveis já escritas sobre Hegel. Chama-se "História e Verdade na Fenomenologia da Mente de Hegel".

História e Verdade na Fenomenologia da Mente de Hegel. Westfall tem um livro mais recente sobre a Filosofia da Religião de Hegel que eu ainda não li. Mas este eu achei particularmente útil.

Certo. Gostaria, então, de saber se há algum comentário antes de prosseguirmos? Comentários, perguntas? Ok. Todos receberam uma cópia do resumo sobre Hegel da última vez? Alguém não recebeu ? Todos receberam.

Certo. Então, vamos voltar nossa atenção para a Fenomenologia da Mente ou Geist. O termo, a antiga palavra anglo-saxônica, significa fantasma, espírito.

Se eu digo, lembrem-se do que ele quer dizer com mente, não estou tentando fazer um trocadilho. Mas reflitam por um momento que, por mente ou espírito, sua referência principal não é a algum tipo de substância da alma. Porque Hegel não está trabalhando com uma metafísica da substância.

A dele é uma metafísica processual. Essa é uma distinção importante que remonta aos pré-socráticos. Como você deve se lembrar, alguns deles buscavam o essencial, a substância fundamental, imutável.

E suponho que a metafísica da substância, nesse sentido, seja exemplificada por Parmênides. Outros, como Heráclito, estavam mais preocupados em compreender o processo e o consideravam mais fundamental do que a substância imutável. Lembram-se de Heráclito, que nunca entrava duas vezes no mesmo rio? Pois bem, essa alternância, esses opostos, entre processo e substância, nos acompanham desde então.

Mas, em geral, o movimento filosófico que começou com Descartes é orientado para a substância . Isso pode ter ocorrido devido à influência da ciência mecanicista, onde a matéria era frequentemente concebida como algo inerte.

Partículas permanentes, imutáveis e indivisíveis de matéria inerte. Bem, com esse conceito de matéria imutável, é fácil transferi-lo para o conceito de mente ou alma como um substrato imutável. Bem, acho que é justo dizer que Kant acabou com isso.

Uma das coisas que Kant fez foi, obviamente, mais do que sugerir que o conceito de substância é uma ideia nossa. É uma concepção subjetiva que sobrepomos às coisas. E Hegel não se preocupa com essa questão.

Ele se interessa mais pela mente e pelo espírito, no sentido da vitalidade criativa. No sentido da consciência emergente e da autoconsciência. O espírito criativo que pulsa em tudo, para retomar a noção romântica.

Então, se estivermos tentando caracterizar a metafísica de Hegel, e eu já a caracterizei de várias maneiras na última vez, você poderia muito bem caracterizá-la como um idealismo romântico. Sim, uma concepção de tudo, em última análise, da natureza da mente ou do espírito, mas entendida num sentido romântico de liberdade criativa irrompendo por toda parte. Ou, se preferir, é um idealismo evolucionário.

Onde tudo o que é potencialmente criativo caminha para a plena manifestação de seu espírito criativo. Sua liberdade de espírito. E assim, não apenas a evolução biológica é vista nesses termos, o vitalismo, mas, da mesma forma, a evolução cultural também o é.

O desenvolvimento histórico é visto nesses termos. A história da arte é vista nesses termos. A história da religião é vista nesses termos.

A liberdade de espírito se desdobra cada vez mais, refletindo-se nas crenças, imagens, práticas religiosas e assim por diante. Trata-se, portanto, de um idealismo evolucionário. E a dialética é simplesmente a lógica que traça esse processo.

Sim, a lógica que traça o processo. Ela é voltada para o processo. Tese, antítese, síntese é o processo de reflexão, e é o processo da realidade.

Veja bem, o racional é o real. Portanto, o processo reflexivo também é o processo real. Faz sentido.

Bem, é com isso em mente que vimos que Hegel parte da grande tese original da lógica, que é a forma abstrata do pensamento, para a natureza, que é a manifestação inconsciente do pensamento. Portanto essa forma. O espírito, que une a forma abstrata e a manifestação inconsciente no desenvolvimento da consciência.

E ele se preocupa com o desenvolvimento da autoconsciência individual. Ele se preocupa com o desenvolvimento da consciência social, tanto no sentido da sua consciência social quanto no desenvolvimento da autoidentidade de uma sociedade, um estado, uma nação. E ele se preocupa com o desenvolvimento da plena liberdade, da autoconsciência na história do absoluto, do espírito inclusivo.

Os três. Assim, enquanto o primeiro parece um texto de psicologia introspectiva, e a leitura é assim, e o segundo se assemelha a um livro de ética, o terceiro soa como uma análise da história cultural. Arte, religião e filosofia em seu desenvolvimento.

Até chegar à consumação de tudo. Se a filosofia aqui embaixo, a arte, a religião, a filosofia, se a filosofia é a síntese aqui, bem, qual é o ápice, a grande síntese na filosofia? A filosofia de Hegel. Entende ? Onde, no florescimento do espírito alemão, da nacionalidade alemã e da cultura alemã, você finalmente compreende o conceito com clareza, o desdobra completamente.

Então, em certo sentido, Hegel vê sua filosofia não como uma filosofia que põe fim a todas as filosofias, mas como uma filosofia da qual tudo o que vem depois é uma série de notas de rodapé para Hegel. Entende ? Sim. Sim, você vê, você chega à síntese final e aos detalhes, todas as engrenagens dentro das engrenagens precisam ser resolvidas.

Mas não há nada depois da síntese final. Agora, você sabe, você ri, mas era assim que funcionava a dialética hegeliana, mesmo quando transferida para a teoria marxista, que se baseia em uma perspectiva materialista em vez de idealista. Veja bem, a visão marxista é que se parte da tese do capitalismo para a antítese da ditadura do proletariado e, finalmente, para a síntese de uma sociedade sem classes.

O que vem a seguir? Nada. Porque numa sociedade sem classes, você abraçou todos os opostos. Agora não há classes; não existe mais conflito de classes, não há mais dialética.

E assim termina. Esse é o milênio. Entende ? Esse é o otimismo evolucionista do século XIX.

E foi daí que surgiu o otimismo evolucionista do século XIX, Hegel. Foi daí que surgiu. Sim.

Se conseguirmos resolver toda a oposição dialética, então teremos alcançado nosso objetivo. Certo, então esse é o panorama geral, e queremos analisar um pouco mais de perto alguns dos elementos que o compõem. O que está acontecendo dentro do espírito subjetivo é a libertação gradual.

Dissemos que este era o desdobramento da liberdade. A libertação gradual da razão dos sentidos. A libertação gradual da razão dos sentidos.

Esse é o tipo de idealismo que o preocupa. Agora, por que essa libertação da razão dos sentidos? Primeiro, ele obviamente não será um empirista. Por quê? Bem, porque o empirismo, como Platão percebeu, é o mundo da mudança.

E se o que estamos tentando fazer é avançar em direção à concepção imutável, à grande síntese, entende? Então, em última análise, o processo de mudança não é governado pelos sentidos . É governado pela fonte da forma, da ordem e do imutável. E assim, Hegel, compreensivelmente, está interessado em ver a razão liberta de sua servidão aos sentidos.

E isso atinge seu ápice, entende, quando nas artes, ah sim, você está trabalhando criativamente com material sensorial. Veja bem, a razão está realmente funcionando, e particularmente se você for um romântico, trabalhando imaginativamente, não servilmente, com material sensorial. E na religião, ainda mais.

E na filosofia, sim. É aí que você encontra coisas mais concretas. Sim.

A maior parte do pensamento concreto surge na filosofia. Entende ? Porque o pensamento lida com conceitos, não com objetos sensoriais. É isso que ele busca.

A evitação do que é estático, abstrato, e o desenvolvimento do concreto . Agora, quando ele aborda isso, lembre-se de que a lente através da qual ele vê as coisas nessa vasta tela é a lente da nossa própria autoconsciência. Certo? Então, o que ele está fazendo nessa fenomenologia, lembre-se que a fenomenologia é uma descrição, o que ele está fazendo é, às vezes, personificação.

Interpretação de papéis. Descrição empática. Ele está se colocando no lugar da pessoa, refletindo sobre seus sentimentos e vivenciando a situação que está descrevendo.

Entrar nisso com empatia, não ficar de fora descrevendo comportamentos, mas sim entrar para captar como é a consciência emergente. Entende ? A fenomenologia, como veremos ao longo do século XX, preocupa-se com as estruturas do nosso ser consciente no mundo.

Entende ? Ele está tentando traçar a estrutura dialética do nosso ser consciente no mundo. Ele não está tentando lidar com a consciência de forma abstrata, separada do mundo. Esse foi o erro de Descartes: trancar-se num quarto aquecido por um fogão, de todas as coisas, e perguntar se o mundo existe.

Quão abstrato isso pode ser? Veja bem? William Temple, um filósofo neo-hegeliano inglês, tornou-se Arcebispo de Canterbury na década de 1940. Ele dedica um capítulo de um de seus livros ao tema "O deslize de Descartes". Seu deslize foi trancar-se em um quarto e questionar-se se algo realmente existia.

Você consegue imaginar Descartes alimentando o fogão para se aquecer enquanto se pergunta se seu corpo existe? Sabe, a autocontradição do abstrato. Mas não, a preocupação reside nas estruturas do ser consciente. Observe o termo "ser".

Você vê o conceito de ser. O que é ser, se revela através da nossa autoconsciência. Então você observa o nosso ser autoconsciente no mundo, em relação a ...

Veja bem, nos séculos XVII e XVIII havia uma tendência de considerar o indivíduo como um Robinson Crusoé. Robinson Crusoé era um filósofo social. Ele não era apenas um escritor de histórias infantis.

Ao escrever Robinson Crusoé, ele escrevia uma sátira social. Em seus escritos mais filosóficos, Daniel Defoe aborda o indivíduo isolado, regido pela razão, autossuficiente, vivendo sozinho em sua ilha com suas cabras e seu guarda. Não é mesmo? E ele não precisa de ninguém.

Ele é capaz de submeter a natureza ao domínio da razão e prover para si mesmo. Quando os selvagens chegam, ele se mantém afastado até vê-los prestes a preparar o jantar na sexta-feira. Então, ele resgata o Homem Sexta-Feira, mas o mantém submisso até que este se torne racional o suficiente para que possam firmar um contrato social.

Quando chegam os marinheiros espanhóis, eles se mantêm afastados. Não são racionais. Quando chegam os marinheiros britânicos, a história é outra.

Eles firmam um contrato social e retornam à Inglaterra. No entanto, Defoe sabia o que estava fazendo. O indivíduo é uma ilha isolada, autossuficiente; não é o caso de Hegel.

Não existe indivíduo isolado. Nem mesmo a autoconsciência existe isoladamente. Veja bem, ele está interessado nas estruturas do nosso ser consciente no mundo.

Não existe outro ser no mundo que se compare ao indivíduo. Gostaria que Hegel tivesse escrito outro Robinson Crusoé para retratar isso. Teria sido um pouco melhor do que a minha fenomenologia, não é, Bob? Talvez você devesse fazer isso.

Bem, ele começa então com o espírito subjetivo. E se você tiver o esboço em mãos, perceberá que o domínio do espírito subjetivo ou individual começa com uma tese relacionada à consciência sensorial. Agora, você verá que a consciência sensorial não é a mesma coisa que a autoconsciência.

A consciência sensorial é algo que, de fato, o animal possui. Na verdade, esse nível da dialética simplesmente se estende do final da grande antítese sobre a natureza lidando com os organismos, que se desenvolveu até uma descrição da fisiologia,

fisiologia essa que dá origem à consciência por parte da vida animal. Assim, a consciência sensorial é simplesmente a parte da síntese na natureza que agora se torna a tese para uma nova antítese.

A consciência sensorial está enraizada nos processos biológicos do cérebro e na percepção sensorial. Mas a consciência sensorial é simplesmente a consciência do outro. A consciência do outro.

E isso se opõe à consciência de si mesmo. Consciência sensorial, autoconsciência. Mas você não tem realmente a mente, o espírito, a razão funcionando livremente até que essa autoconsciência, ao lidar com o mundo da consciência sensorial, alcance sua liberdade nesse mesmo mundo.

Portanto, não se trata apenas de autoconsciência isolada, mas sim da autoconsciência em ação, reflexiva, racional, livre e criativa, moldando o mundo da consciência sensorial. E esse é o trampolim para o espírito objetivo, para falar sobre lei e ordem na sociedade. Porque o que é lei e ordem? Senão o trabalho da razão ordenando o mundo da consciência sensorial.

Entenderam as transições? Agora, vocês têm na antologia duas peças retiradas da seção sobre o espírito subjetivo. Uma é sobre a relação mestre-servo, e a outra sobre a consciência estoica, cética e infeliz. O que está acontecendo nessas seleções? Bem, acho que, à luz do que eu disse, vocês já podem antecipar o que está acontecendo.

A obra sobre a relação entre senhor e servo é famosa. Ela é mencionada repetidamente. O conceito de alienação surge daí.

O conceito de alienação estava presente nos primeiros existencialistas, em Marx e Engels, e até mesmo no movimento do politicamente correto atual. Veja bem, a afirmação do politicamente correto visa superar a alienação de grupos minoritários. Conceito de alienação.

Descobriremos em Sartre que retornamos a isso. Basicamente, trata-se do fato de que só se alcança a autoconsciência em relação ao outro. Entende? Só se alcança a autoconsciência em relação ao outro.

Então, isto é, por assim dizer, uma fenomenologia da autoconsciência emergente. É uma descrição empática do que o mestre vivencia, do que o servo vivencia, do que eles vivem em relação um ao outro. Veja bem, mesmo em termos do significado das palavras mestre e servo, não existe mestre que não tenha um servo.

Ele não é mestre se não tiver um. Não existe servo se não tiver mestre. Entende? O que ele é? Ele não sabe.

Ele está desempregado. Portanto, a identidade de alguém depende desse relacionamento. A identidade de alguém depende desse relacionamento.

Mas, da mesma forma, não existe sujeito sem objeto. Não existe objeto sem um sujeito do qual ele seja objeto. Esses são termos relacionais.

Essas são polaridades. Pronto. Polaridades.

E é a dialética que ele está analisando, a dialética dentro dessa polaridade. O eu isolado é sempre incompleto. Precisamos enxergar o eu individual em relação ao outro.

Agora, para alcançar a autoidentidade, aquele que se opõe ao outro pensa que precisa anulá-lo, negá-lo. "Eu sou o mestre." E então o servo procede para tornar o mestre completamente dependente dele.

Afinal, quem é o mestre? Veja bem, a autodestrutividade, a autocontradição em afirmar que eu sou o mestre por conta própria, porque para ser mestre, preciso ter um servo de quem dependo, que então é o mestre. Há uma autocontradição envolvida. Relação mestre-servo.

Assim, para ter certeza de mim mesmo, nego o outro, mas, ao fazê-lo, nego a mim mesmo. Ora, a palavra "negar" é muito usada em Hegel e na literatura sobre ele. Significa simplesmente que existe uma antítese.

A antítese nega a tese. São opostos. O termo alemão é *Aufheben*.

O que significa, literalmente, como você pode traduzir, ter tido isso. Ter tido isso. Você já teve isso.

Você a nega. Você a descarta. Acabou para você. A tese faz isso com a antítese.

A antítese faz isso com a tese. Mas então, gradualmente, a interdependência entre elas começa a emergir. O mestre se considera independente.

O servo é dependente. O senhor é o que é para si mesmo. O servo é o que é para o outro.

Mas o mestre só é independente por meio de sua dependência do outro. E o servo, ao estar para o outro, alcança não apenas sua dependência, mas também algo de independência. Ele é para si mesmo o que é.

Você se lembra dos filmes "Upstairs Downstairs"? São de uma época anterior à sua? Imagino que você tenha ficado com uma expressão confusa. Bem, a história se

passava na Inglaterra da era eduardiana, onde a família aristocrática do andar de cima tinha criados no andar de baixo, entre os quais o mordomo se destacava. Então, quando a nobreza europeia vinha jantar, eles queriam conhecer o mordomo.

Você consegue imaginar? Veja bem, aquele mordomo, ao servir seu mestre, havia alcançado tal prestígio que a nobreza desejava conhecê-lo. Ele não teria conseguido isso sozinho. E o mestre não teria sido o mestre que foi sem o seu servo.

A cena final da série foi uma síntese muito feliz, onde o criado, o mordomo, está tão doente que precisa se aposentar e receber uma pensão, e o patrão vai e se senta ao lado de sua cama no porão, e eles conversam como velhos amigos. E as barreiras desaparecem. E surge uma relação, uma síntese que se concretiza.

Bem, não sei se o autor de *Upstairs Downstairs* leu Hegel, mas certamente me pareceu que sim. Relação mestre-servo. A interdependência, veja bem, não se trata de indivíduos dependentes.

Não se trata de individualidade significando independência. É isso que tem destruído casamentos com o desenvolvimento, receio, de alguns aspectos do movimento feminista, porque o movimento feminista tentou alcançar a independência em vez da reciprocidade ou interdependência. Elas tentaram evitar a dependência e lutaram pela independência em vez da interdependência.

E isso tem sido muito problemático em nossa sociedade. Acho que precisamos superar a dependência excessiva, mas não uma independência impossível. Essa é a nota individualista do século XVIII.

É a interdependência que une as coisas, a síntese. Bem, você tem o mesmo tipo de imagem na consciência estoica, cética e infeliz. O estoico, esse é realmente o estágio da tese, porque um estoico, na liberdade de seu pensamento, afirma sua independência de todos os fatores externos.

Lembra da atitude estoica? Na liberdade da minha mente, sou independente do que quer que aconteça ao meu corpo. Lembra de Epicteto, o escravo cujo senhor quebrou a perna? Ele suportou estoicamente. Certo, então essa é a fase da tese, o estoicismo.

O cético leva essa liberdade ainda mais longe. Ele nega a própria realidade do outro em seu pensamento, excluindo-o.

Trata-o de forma inconstante. Mas, então, onde isso nos leva? Passamos de uma postura estoica para uma postura cética, negando completamente o outro, até chegarmos à consciência infeliz. Essa é a do indivíduo alienado de si mesmo.

Sim, porque ao negar o outro, estou negando minha própria identidade em relação ao outro. E assim, o cético, que nada sabe sobre nada em relação a si mesmo, será uma consciência extremamente infeliz. Isso me faz pensar que Hegel deve ter dado aulas para alunos de graduação em algum momento.

Porque acho que esse é um fenômeno que todos nós observamos, entende? Uma pessoa que, por um tempo, entra em uma fase de ceticismo no processo de desenvolvimento, encontra muita insatisfação interna. Porque não há identidade em relação ao que é.

Não somos indivíduos isolados em um vácuo, em uma sala aquecida por um fogão, mas sim em relacionamento. para os outros. Certo? Então esse eu dividido, esse eu incompleto, é a consciência infeliz. Bem, a síntese, então, dentro do espírito subjetivo, é um espírito verdadeiramente racional.

Uma razão que transcende a mera observação do mundo sensorial e do outro, que vai além da simples contemplação da própria identidade independente, e se torna um ser reflexivo e racional que se dirige à ordem do mundo com o qual estamos relacionados. Se existe liberdade para Kant, ela sempre será uma liberdade dentro de uma estrutura legal. Nunca é liberdade para fazer absolutamente nada, o que quer que se deseje.

É a liberdade dentro de uma estrutura legal. Essa é a racional. E isso porque não existe existência sem essência.

Porque existe uma estrutura de logos que permeia todo o ser. Portanto, é necessário que o indivíduo esteja em uma relação com o outro, em uma estrutura legal. Bem, isso ajuda a entender o que está acontecendo? Comente? Deixo para vocês a tarefa de desvendar os aspectos mais detalhados da dialética da relação mestre-servo, mas acredito que, se vocês conseguirem perceber o que está acontecendo, poderão desvendá-lo muito bem .

Certo? Então, algumas palavras sobre o espírito objetivo. Espírito objetivo. E aqui você percebe que a tríade parte do conceito abstrato de lei.

Certo? O conceito de lei é, afinal, uma abstração. Em contrapartida, temos o direito que lida com questões de consciência e moralidade individuais. O direito no abstrato, em contraste com o mais concreto.

Para a síntese da moralidade social, a ordem social. Como eu disse, o direito em abstrato fornece o contexto para lidar com a liberdade. O direito em abstrato é a regra da razão.

É a concepção kantiana de dever universal. E você tem que admitir que a concepção kantiana de dever é uma abstração, muito abstrata. O direito, em abstrato, tem a ver com direitos.

Os direitos humanos são concebidos como algo objetivo, enraizado na realidade . Claro, essa é a abstração.

Mas é preciso desvendar o conceito. É preciso desvendar o conceito. E você começa a fazer isso quando se afasta dessas abstrações universalizadas sobre leis e direitos.

Às questões da consciência individual. De algo como a lei, que é completamente objetiva, a algo como a consciência moral, que é muito íntima.

Muito subjetivo no sentido de interioridade. Desde falar de dever objetivo até falar da minha própria consciência. Ora, claro, Kant trabalha com ambos.

Agindo por senso de dever. É algo como uma filosofia de senso moral, além de uma abordagem baseada em direitos e deveres objetivos.

A tese e a antítese. Mas o que Hegel tenta fazer é unir essas duas em uma síntese de ética social, abordando a ordem social.

Veja bem, é aí que ele dá um grande passo em frente. Pelo menos um grande passo além de Kant e dos predecessores de Kant. Pelo simples motivo de que os predecessores de Kant, e o próprio Kant, consideravam os indivíduos como indivíduos livres.

Considerava-se que os direitos individuais eram o último ponto de referência. Teoria de Robinson Crusoe. Hegel, por outro lado, vê os indivíduos atingindo a racionalidade apenas em um relacionamento.

Então, qual é a preocupação fundamental? O indivíduo ou a instituição social ? Bem, é claro que é a estrutura social. Relações ordenadas. Que é o que entendemos por instituição social.

Um padrão de relações entre indivíduos regido por leis. Instituição social. E assim, na síntese, ele vê isso se tornando muito mais concreto.

É nas estruturas sociais que vivenciamos nossa moralidade. É nas estruturas sociais que temos que agir racionalmente. É aí que entra o Estado de Direito.

Portanto, ele tem muito a dizer sobre família. E se a estrutura social predomina sobre o indivíduo em termos de concretude e nível de desenvolvimento, ele não é muito favorável ao divórcio. Aliás, ele é totalmente contra.

E é nesse contexto que ele fala sobre o Estado. E sua filosofia política começa a emergir. Ele quer dizer que encontramos nossa consciência individual, nossa liberdade individual, maximizadas no contexto da soberania do Estado.

Sim, você pode dizer, se quiser, que tem muito mais liberdade dentro do casamento do que fora dele. E tem muito mais liberdade dentro do Estado do que em algum reino anárquico. Entende?

E o ideal de um Estado, no que lhe concerne, é algum tipo de governo constitucional onde a representação não provenha apenas de indivíduos agrupados de acordo com sua densidade populacional, mas sim de diferentes grupos sociais, de diferentes ordens e estruturas sociais, de corporações, de propriedades, bem como de municípios. Porque o espírito encontra sua livre expressão na liberdade desses grupos, assim como na do indivíduo. Mas a mais plena expressão do espírito absoluto é o Estado.

A manifestação mais plena da liberdade é a soberania do Estado. E é nesse sentido que se desenvolve sua filosofia da história. Porque se o surgimento do Estado-nação, fenômeno característico da Europa do século XIX, é a crescente manifestação da liberdade de espírito absoluto, então esses movimentos nacionalistas representam a obra da providência divina, segundo sua compreensão, no curso da história.

Entende? E o Estado-nação incorpora aquilo a que devemos nossa mais alta lealdade. E aí estão as raízes filosóficas do nacionalismo do século XIX.

Bem, é nesse contexto que o hegeliano britânico F. H. Bradley escreveu aquele ensaio a que me referi sobre a minha posição e os seus deveres. Veja bem, o meu dever é cumprir as expectativas que a sociedade tem de mim. O meu dever, acima de tudo, é para com a minha família, e para além disso, para com a minha nação, e para além disso, para com o absoluto, para com Deus.

Bem, isso influencia a visão dele sobre coisas como a guerra. Então ele fala da guerra como uma manifestação, como uma expressão do espírito da nação, da soberania do Estado. A guerra é o que ajuda a desenvolver o espírito de uma nação.

E acho que é nessa ênfase hegeliana que vemos o famoso poema de Tennyson sobre a Guerra da Crimeia, "A Carga da Brigada Ligeira". Você o conhece? Lembro que tive que memorizá-lo na escola quando era criança, e não me lembro de tudo. Mas "A Carga da Brigada Ligeira" foi um daqueles erros estratégicos estúpidos em que a cavalaria investiu direto contra os canhões dos russos.

Então, aconteceu mais ou menos assim: canhões à esquerda deles, canhões à direita deles, dispararam em salva e trovejaram, mesmo sabendo que alguém havia

cometido um erro. Sabe, e isso é considerado o evento mais glorioso nos anais da história militar porque manifesta o espírito de uma nação. Um grande erro estúpido, entende?

Sim, essa é a visão hegeliana. Bem, eu disse que da filosofia hegeliana surgiram alguns extremos de estatismo, particularmente o fascismo italiano no século XX. Certo, e você tem alguns textos na antologia que tratam da filosofia da história dele, e você conseguirá entender o que está acontecendo ali com bastante facilidade.

Certo, pergunta, comentário. Vocês conseguem perceber como a história se desenrola, como está indo? Este é um esboço geral, e a antologia aprofunda o assunto em pontos específicos. Muito bem, então, na segunda-feira, trataremos do espírito absoluto, o que incluirá uma análise de sua filosofia da religião.

E assim encerraremos nossa jornada com Hegel.